

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CENTRO INTERDISCIPLINAR DE NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIAS NA EDUCAÇÃO**

KARIN LISIANE WENTZEL

**USO DE VÍDEOS NA PRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO DE CONHECIMENTO DOS
ADOLESCENTES SURDOS DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE PORTO ALEGRE**

Porto Alegre

2019

KARIN LISIANE WENTZEL

**USO DE VÍDEOS NA PRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO DE CONHECIMENTO DOS
ADOLESCENTES SURDOS DE UMA ESCOLA PÚBLICA DE PORTO ALEGRE**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Especialista em Mídias na Educação, pelo Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – CINTED/UFRGS.

Orientador(a):

Caroline Bohrer do Amaral

Porto Alegre

2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Vice-Reitora: Prof^a. Jane Fraga Tutikian

Pró-Reitor de Pós-Graduação: Prof. Celso Giannetti Loureiro Chaves

Diretor do Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação: Prof. Leandro Krug Wives

Coordenadora do Curso de Especialização em Mídias na Educação: Profa. Liane Margarida Rockenbach Tarouco

AGRADECIMENTOS

Aos que me acompanharam e que me inspiraram até aqui.

Aos alunos que aceitaram participar desta pesquisa e compartilharam comigo as suas experiências.

Aos colegas que pensam em conjunto a educação de surdos e com os quais realizo importantes trocas no meu cotidiano.

À EMEF de Surdos Bilingue Salomão Watnick que sempre esteve com as portas abertas e formando parcerias com as instituições de ensino superior.

À orientadora Caroline Bohrer do Amaral que esteve sempre disposta e me conduziu ao longo deste trabalho.

Ao Vilmar e ao Max pela parceria vivida em família.

“Sozinhos, podemos aprender a avançar bastante; compartilhando, podemos conseguir chegar mais longe e, se contamos com a tutoria de pessoas mais experientes, podemos alcançar horizontes inimagináveis.” José Moran

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo analisar a utilização de vídeos como recurso pedagógico e como forma de divulgação da língua de sinais e da cultura surda entre alunos surdos de uma escola pública de ensino fundamental de Porto Alegre. Com base em referenciais teóricos sobre educação de surdos, cultura visual e uso das tecnologias para divulgar a Libras, esta pesquisa tem formato de estudo de caso com abordagem qualitativa, optando pelo uso de um vídeo com a apresentação de duas poesias em língua de sinais como instrumento. Foram selecionados quatro alunos da escola para o grupo focal, todos fluentes em Libras e usuários das tecnologias de filmagem e das redes sociais com alguma autonomia e propriedade em sua utilização. Com estes sujeitos como espectadores, foi mostrada a filmagem e, logo após, feita a análise e o debate a respeito do conteúdo assistido por meio de um questionário com roteiro semiestruturado. Como contribuição, constata-se que pode ser especialmente produtivo na educação de surdos o uso de tecnologias visuais com o objetivo de contribuir para aprendizagem dos conteúdos trabalhados em sala de aula, bem como de torná-los mais claros e mais atraentes, uma vez que os estudantes do grupo focal entendem o vídeo assistido e algumas características da poesia como gênero literário. Sugere-se que os(as) professores(as) tenham sempre o cuidado de optar por vídeos e filmagens apoiadas por Libras, com sinais claros e contextualizados, bem como que sejam produções de qualidade. Ao mesmo tempo, as escolas precisam buscar formas de oferecer o acesso aos aparelhos tecnológicos necessários e à internet para que os alunos possam produzir seus conteúdos digitais, uma vez que este acesso ainda não é realidade para uma parcela significativa de adolescentes em escolas públicas.

Palavras-chave: Surdos, vídeos, educação.

ABSTRACT

This work intends to analyze the use of videos as an educational resource and as a mean of dissemination of sign language and deaf culture among deaf students from a public elementary school from Porto Alegre. Based upon works about education of the deaf, visual culture and the use of technologies as a resource to disseminate the Brazilian Sign Language (Libras), this research is a case study with a qualitative approach and employs as its instrument two presentations of sign language poetry in one video. Four students from the school were selected to the focal group, all of them fluent in sign language and in the process of becoming autonomous and skilled users of filming technologies and social networks. With these subjects as viewers, the video was shown and the analysis and conversation about what was seen were made using a semi-structured interview guide. The results lead to consider the use of visual technologies with the purpose of contributing for the learning of contents taught in class, as well as making these contents clearer and more appealing, as especially productive, since the students were able to understand what they watched and some characteristics of poetry as a literary genre. It is suggested to the teachers to always carefully choose videos and footage with the support of clearly signed, contextualized Libras, as well as good quality productions. It is also recommended as a necessary task for the schools to seek ways of enabling the access of the students to the technological gadgets and to the internet as means for them to produce their digital contents, since having access to technology is not a reality to a significant share of teenagers in Brazilian public schools.

Keywords: Deaf students, videos, education.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASL	American Sign Language – Língua de Sinais Americana
Libras	Língua Brasileira de Sinais
LS	Língua de Sinais
LP	Língua Portuguesa
SVO	Sujeito – Verbo – Objeto
BPC	Benefício Assistencial ao Idoso e à Pessoa com Deficiência

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 REFERENCIAL TEÓRICO	12
2.1 Surdez, Legislação e Língua De Sinais	12
2.2 Cultura Visual e Tecnologias de Produção e Reprodução de Conhecimento através das Redes Sociais.....	17
2.3 A Tecnologia e o Potencial Comunicativo na Língua de Sinais ou na Educação	18
3 METODOLOGIA.....	20
3.1 Caracterização do local da pesquisa	21
3.2 Caracterização dos Sujeitos da pesquisa	21
3.3 Instrumento	22
4 ANÁLISE DOS RESULTADOS	26
4.1 Vídeos como ferramenta de divulgação e apropriação das Línguas de Sinais	26
4.2 Vídeos como registro de aprendizagem em Libras, uma poesia	32
4.3 Vídeos e filmagens em Libras como forma de compartilhamento de informações escolar	33
5 CONCLUSÃO.....	37
REFERÊNCIAS.....	39
APÊNDICE I - TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO	42
APÊNDICE II - ROTEIRO DO GRUPO FOCAL.....	44
APÊNDICE III - TRANSCRIÇÃO DA CONVERSA COM O GRUPO FOCAL	4646

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa busca descrever e analisar como os vídeos em Língua de Sinais contribuem para aprendizagem dos alunos surdos em uma escola pública de Porto Alegre. Com os avanços tecnológicos, cada vez mais a mídia audiovisual está presente nas salas de aula dos alunos surdos, servindo para ilustrar ou para registrar as trajetórias das aprendizagens. Esses registros, que até pouco tempo atrás ocorriam em cadernos, em folhas mimeografadas ou xerocadas, hoje estão nas telas, em cartões de memória ou na nuvem¹. É uma mudança significativa de possibilidades, servindo para ampliar o repertório linguístico dos estudantes e também melhorando a estética visual do que se dissemina em língua de sinais.

Nos dias atuais, é comum ver adolescentes interagindo com telas sempre em que há algum dispositivo eletrônico disponível, eles parecem estar sempre conectados digitalmente a algo ou alguém. É uma geração para a qual a possibilidade de acesso e uso de dispositivos eletrônicos se inicia muito cedo. Percebe-se que crianças e adolescentes assistem e postam questões pelas quais se interessam, tornando o uso de telefones celulares uma ferramenta de extensão de si mesmos para outros espaços. As formas de conhecer e comunicar ampliaram-se, de modo que “podem ser compartilhadas entre numerosos indivíduos, e aumentam, portanto, o potencial de inteligência coletiva dos grupos humanos.” (LÉVY, 1999, p. 53).

No caso dos surdos, as tecnologias permitiram a ampla divulgação de diferentes assuntos, por meio da língua de sinais, de maneira direta entre o interlocutor e o receptor. Com esses recursos, o surdo ou usuário de Libras pode sinalizar e o espectador pode enxergá-lo e interpretá-lo, sem o intermédio de traduções ou de outras línguas.

O acesso às tecnologias permitiu, a certos setores da população, filmar a partir dos seus dispositivos móveis, em diferentes contextos e de diversas formas. Constata-se atualmente um aumento de vídeos postados nas comunidades surdas, bem como se percebe que esse avanço tecnológico possibilita a interação, o registro e também o desenvolvimento das línguas de sinais, pois, conforme Finnegan (1977), estas tradicionalmente não apresentam um sistema escrito. Desta forma, o conhecimento cultural das comunidades surdas, que é

¹ Entende-se o armazenamento de dados na nuvem como algo “feito em serviços que poderão ser acessados de qualquer lugar do mundo, a qualquer hora, não havendo necessidade de instalação de programas ou de armazenar dados. O acesso a programas, serviços e arquivos é remoto, através da Internet - daí a alusão à nuvem (WIKIPÉDIA, 2018).

passado por meio da língua de sinais, é transmitido visualmente, tornando-se evidente a necessidade de os surdos conhecerem bem a sua língua e dominarem os recursos tecnológicos aos quais têm acesso, de modo a ampliar os conhecimentos mencionados.

Amaral (2010, p. 121) afirma, a respeito da web que ela democratiza os saberes, já que tanto professores quanto alunos ou cientistas podem escrever e publicar suas ideias e interesses em lugares públicos de forma gratuita. No caso dos surdos, ou usuários de línguas de sinais, há possibilidade de realizar o registro com o uso das filmagens e distribuição de vídeos em diferentes canais, *YouTube*², *Facebook*³, *WhatsApp*⁴. Pode-se dizer que se inicia um processo de apropriação desses meios tecnológicos como formas de registrar os mais variados assuntos em língua materna. Como dito anteriormente, a língua de sinais não possui um registro escrito, de forma diferente das línguas orais, então os surdos finalmente puderam dispor, através da tecnologia visual, dos meios para fixar e compartilhar histórias, informações sobre a atualidade ou cotidiano, piadas, ensino de culinária, entre outros. Garbin (2003, p. 121) destaca que os surdos fazem uso dessa tecnologia não só objetivando a comunicação, mas também visualizando a sua língua e cultura.

Percebe-se também uma quantidade crescente de cursos de Libras online, oferecidos por diferentes instituições de ensino. Também se pode dizer que há cada vez mais surdos postando em seus canais questões do seu dia a dia ou ensinando a sua Língua.

Desta forma, este estudo se faz relevante devido a mudanças que estão ocorrendo na educação de surdos, que vem incorporando cada vez mais a tecnologia nas salas de aula com os recursos disponíveis. Se, há algum tempo, os surdos não dispunham legalmente da

² *YouTube* é uma plataforma de compartilhamento de vídeos, sendo sua tecnologia de reprodução dos vídeos baseada no Adobe Flash Player. Essa tecnologia permite que o site exiba os vídeos com qualidade comparável a tecnologias mais estabelecidas no mercado (como o Windows Media Player, QuickTime e RealPlayer) que geralmente requerem um download e instalação de um *plugin* no navegador para a visualização. (WIKIPÉDIA, 2018).

³ Entende-se o *Facebook* como “uma mídia social e rede social virtual” cuja participação é gratuita “para os usuários e gera receita proveniente de publicidade, incluindo banners, destaques patrocinados no *feed* de notícias e grupos patrocinados. Usuários criam perfis que contêm fotos e listas de interesses pessoais, trocando mensagens privadas e públicas entre si e participantes de grupos de amigos. A visualização de dados detalhados dos membros é restrita para membros de uma mesma rede ou amigos confirmados”. (WIKIPÉDIA, 2018).

⁴ *WhatsApp* é um aplicativo dedicado a múltiplas plataformas que consiste em “mensagens instantâneas e chamadas de voz ou de vídeo para *smartphones*. Além de mensagens de texto, os usuários podem enviar imagens, vídeos e documentos em PDF, além de fazer ligações grátis por meio de uma conexão com a internet” (WIKIPÉDIA, 2018). O aplicativo utiliza “uma versão personalizada do padrão aberto. Após a instalação, ele cria uma conta de usuário usando um número de telefone como o nome de usuário. Mensagens multimídia são enviadas através do carregamento da imagem, áudio ou vídeo para um servidor HTTP e enviando um link para o conteúdo juntamente com a sua miniatura codificada. Como todos os usuários são registrados com o número do telefone, o software identifica todos os usuários do WhatsApp entre os contatos registrados no telefone” (WIKIPÉDIA, 2018).

possibilidade de usar a sua língua natural para se comunicar por sinais, atualmente, eles a usam inclusive para se colocar na rede mundial e estabelecer contato com diferentes pessoas, usuárias de diversas línguas de sinais. Os surdos contam histórias, fazem poesia, explicam conteúdos, realizam entrevistas, sempre na sua própria língua, apropriando-se de diferentes gêneros e temas e dos conteúdos trabalhados na escola.

Pesquisar as mídias na educação de surdos é dar uma contribuição para a inclusão no processo de aprendizagem desses alunos que empregam com cada vez mais propriedade os recursos visuais e tecnológicos para inserirem-se no mundo.

Este trabalho está dividido por capítulos, nos quais estão apresentados os referenciais teóricos, a metodologia da pesquisa e a discussão dos dados.

No capítulo a seguir, se encontram os referenciais teóricos sobre a legislação, a educação bilíngue e a língua de sinais. São contextualizadas a cultura visual e as possibilidades do uso das tecnologias na sala de aula. Posteriormente, aborda-se a produção e reprodução de conhecimento através das redes sociais e da tecnologia. Segue o estudo sobre a tecnologia e seu potencial comunicativo na língua de sinais ou na educação.

Em seguida, está o capítulo da metodologia, no qual se caracterizam o local e os sujeitos da pesquisa, assim como o instrumento empregado para a coleta de dados.

A análise dos resultados é apresentada a partir do material coletado em conjunto com o grupo focal. Trata-se de um vídeo, uma poesia em Libras, que foi observado com três diferentes enfoques. Primeiramente como ferramenta de divulgação da língua de sinais, em seguida como registro de aprendizagem da Libras, no caso uma poesia, e por último, como forma de compartilhamento de informações e de conhecimento escolar.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Devido a Libras ser uma língua visual, o comportamento de filmar ou fotografar configura-se como sua consolidação documental. Assim, pode-se dizer que os surdos e, especificamente para o escopo desta pesquisa, os alunos adolescentes surdos podem redesenhar suas vidas de acordo com as novas interações que realizam no mundo digital, através de câmeras e telas, postagens compartilhadas e curtidas, sinalizações e produções. No ambiente escolar, os celulares dos próprios alunos ou dos professores possibilitam o registro de atividades desenvolvidas nas salas de aula: clicar e postar é tão adequado como ler e copiar.

Amaral (2010, p.18) considera que a “ampliação da distribuição de tecnologia e variados produtos culturais provoca-nos a estudar a relação entre cultura, tecnologia e seus agentes (produtores, receptores e manipuladores)”. Com a tecnologia tão presente na vida de todos, os surdos também passaram a ter acesso a mais oportunidades de aprendizagem e de interação com um mundo para além da escola que frequentam. Mundo este que, na maioria das vezes, se apresenta tão sonoro e tão misterioso para quem tem na visão, ou no olhar, a única possibilidade de saber o que está ocorrendo à sua volta. Desta forma, há necessidade de verificar como os alunos adolescentes surdos estão assistindo, produzindo e compartilhando vídeos em Libras para fins educacionais, contribuindo para uma melhor aprendizagem.

2.1 Surdez, Legislação e Língua De Sinais

No Rio Grande do Sul, a oficialização da Libras ocorreu em 31 de dezembro de 1999 com a publicação no Diário Oficial do Estado, após as lutas empreendidas pela comunidade Surda, sendo então reconhecida oficialmente pelos órgãos públicos. Posterior a isso, no âmbito federal, em 24 de abril de 2002 é publicado o decreto e sancionada a Lei nº 10.436, na qual a Libras é reconhecida como meio legal de comunicação e expressão das comunidades surdas do Brasil, estabelecendo-se como verdadeiro marco histórico para todas as comunidades surdas do Brasil.

Esse decreto, em seu parágrafo único, estabelece que a Língua Brasileira de Sinais – Libras – é uma forma de comunicação e expressão, com um sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, e que constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

Assim, posteriormente, o Decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005, institui que a

pessoa é considerada surda quando “...por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais – Libras”. (BRASIL, 2005)

Com a Libras regulamentada, as comunidades surdas passaram a ter legitimidade da sua língua, tornando-se possível respaldar a educação dos surdos dentro de uma proposta bilíngue. No decreto consta o seguinte: “são denominadas escolas ou classes de educação bilíngue aquelas em que a Libras e a modalidade escrita da Língua Portuguesa sejam línguas de instrução utilizadas no desenvolvimento de todo o processo educativo”. (BRASIL, Art. 22, parágrafo II, § 1º 2005).

No cotidiano de uma escola Bilíngue de surdos, percebe-se que a Libras não é apenas a língua de instrução, mas a língua pela qual os sujeitos estruturam os seus pensamentos, interagem com seus pares, representam sua cultura e inserem-se no mundo.

Os primeiros estudos linguísticos das línguas de sinais foram feitos pelo americano Willian Stokoe em 1960, dando ênfase à morfologia e à fonologia da *American Sign Language*, ASL, Língua de Sinais Americana.

No Brasil, os estudos sobre a língua de sinais iniciaram no final da década de 1980.

Os primeiros artigos e livros publicados sobre a Libras são de Ferreira Brito (1984, 1990, 1993, 1995). Ferreira Brito (1984, 1993) apresentou ao mundo duas línguas de sinais brasileiras, a língua de sinais dos centros urbanos brasileiros (atualmente referida como Libras), focando na variante de São Paulo, e a língua de sinais Urubu-Kaapor, pertencente à família Tupi-Guarani, uma língua usada na comunidade indígena Urubu-Kaapor do interior do Maranhão. (QUADROS, 2013, p. 19,).

Na década de 1990, Berenz (1996), Felipe (1998) e Karnopp (1994, 1999) também realizaram seus estudos e publicações sobre a Libras.

A partir dos anos 2000, com a Lei de Libras (Lei 10.436/2002) e a sua regulamentação em 2005 (Decreto 5626/2005), houve um avanço significativo nos estudos e pesquisas sobre o tema no Brasil. “O reconhecimento da Libras como língua nacional impulsionou os estudos sobre essa língua” (QUADROS, 2013, p. 24). Ocorreu também a criação de cursos de graduação de Letras Libras nas Universidades Federais: Santa Catarina, em 2006; Goiás e Paraíba, a seguir. Posteriormente, começam a surgir cursos na modalidade a distância oferecidos por diferentes universidades do país em parceria com Universidade Federal de Santa Catarina. Assim, as pesquisas a respeito da Libras começaram a se difundir, ampliando ainda mais o conhecimento a respeito da língua.

Com o avanço das pesquisas, os estudos demonstraram que quanto mais cedo a criança surda estiver em contato com a Língua de Sinais, melhor será o seu desenvolvimento linguístico, conforme trabalhos de Quadros (1997), Karnopp, (1994, 1997), Quadros e Pizzio, (2007). Justificam-se tais achados por ser imprescindível para a introdução natural da criança surda na aquisição da linguagem o intermédio do canal visual e espacial. Conforme Quadros (2006, p. 23), por meio da língua de sinais, a criança vai adquirir a linguagem. Isso significa que, ela estará concebendo um mundo novo uma língua que é percebida e significada ao longo do seu processo.

Para a maioria das pessoas surdas, a aquisição da Língua de Sinais ocorre tardiamente pois o mais comum é haver apenas uma pessoa surda na família. Além desse fato, o diagnóstico da surdez nem sempre é feito nos primeiros anos de vida, então as crianças surdas “apresentam uma variação muito grande na quantidade de qualidade do input em Libras” (QUADROS, 2013, p. 19), dependendo de quanto foram expostas à língua de sinais.

Ao pensar a Libras, é necessário também desmistificar alguns pensamentos que pairam no entendimento do senso comum. Como, por exemplo, de que as línguas de sinais seriam universais ou de que consistiriam somente em gestos icônicos, capazes apenas de revelar objetos concretos.

Esses e outros enganos se dão ao longo de anos, pois a Libras muitas vezes era chamada de “linguagem de sinais”, o que mudou após os estudos que consideraram as línguas de sinais como naturais. Podemos conceituar a linguagem, segundo Viotti (2008, p. 13) citando Saussure como:

...uma faculdade humana, uma capacidade que os homens têm para produzir, desenvolver, compreender a língua e outras manifestações simbólicas semelhantes à língua. A linguagem é heterogênea e multifacetada: possui aspectos físicos, fisiológicos e psíquicos, e pertence tanto ao domínio individual quanto ao domínio social. Para Saussure é impossível descobrir a unidade da linguagem. Por isso, ela não pode ser estudada como uma categoria única de fatos humanos. A língua, diferente da linguagem, é uma parte bem definida e essencial da faculdade da linguagem. Ela é um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, estabelecidas e adotadas por um grupo social para o exercício da faculdade da linguagem. A língua é uma unidade por si só. Para Saussure, ela é a norma para todas as demais manifestações da linguagem. Ela é um princípio de classificação, com base no qual é possível estabelecer uma certa ordem na faculdade da linguagem.

Pensar que as línguas de sinais são universais, ou que há uma única língua de sinais em todo o mundo, equivale a acreditar que todas as pessoas do mundo seriam capazes de falar uma língua só. Assim como as línguas orais, as línguas de sinais possuem diferenças entre si e

origens distintas. Pode-se constatar o que Quadros, Pizzio e Rezende (2009, p. 12) chamam de “dois troncos identificados, as línguas de origem francesa e as línguas de origem inglesa”, referindo-se às línguas de sinais. Na Libras temos sinais que se originam principalmente da língua de sinais francesa.

O pensamento do senso comum acredita que os sinais são gestos icônicos, teatro ou pantomima, e que é impossível expressar conceitos abstratos. Tal ideia se dá pelo fato de o gesto ser concreto e visual-gestual. É necessário esclarecer que os sinais são como as palavras que compõem uma língua, pois “são tão arbitrários quanto as palavras”. (QUADROS, PIZZIO E REZENDE, 2009, p. 12).

William Stoke, em 1960, publicou o seu estudo, o qual “percebeu e comprovou que a língua dos sinais atendia a todos os critérios linguísticos de uma língua genuína, no léxico, na sintaxe e na capacidade de gerar uma quantidade infinita de sentenças”. (QUADROS e KARNOOP, 2004, p. 30). A partir desses estudos, foi possível comprovar que as línguas de sinais apresentam o que é fundamental para as línguas humanas, a dupla articulação. A presença de tal aspecto significa que existe um nível de significado constituído de morfemas, palavras, sintagmas e sentenças; e um outro nível, sem significado, que corresponde aos parâmetros fonológicos, que, no caso da língua de sinais, são configurações de mãos, locações e movimentos, os quais representam a mesma função dos sons nas línguas faladas.

No que se refere ao léxico, que é o acervo das palavras nas línguas orais, existe também um correspondente conjunto de sinais. Estes podem, algumas vezes, ser icônicos, que tentam imitar o referencial visual, mas, na maioria das vezes, não o são. Trata-se de um acervo em constante ampliação, pois novos sinais são criados, em virtude da necessidade de comunicação, e outros tornam-se obsoletos com o passar do tempo, assim como as palavras nas línguas orais. Há também, algumas palavras que são usadas de forma dactilológica⁵, geralmente são nomes próprios, siglas ou empréstimos de palavras de outras línguas orais.

A Libras é composta de itens lexicais estruturados a partir de mecanismos morfológicos, sintáticos e semânticos, comprovando que a língua de sinais é a língua natural dos surdos.

A Morfologia na língua de sinais é o estudo da estrutura interna do sinal, assim como das regras que determinam sua formação e classificação. Para a análise morfológica, é necessário olhar para cada sinal isoladamente e os elementos que o constituem, sem ligação

⁵ É a soletração de palavras das línguas orais.

com o que eles significam (p. ex., as configurações de mão e as locações dos sinais “Capitalismo” e “centro”).

A Sintaxe refere-se à disposição dos sinais numa sentença ou, melhor dizendo, no espaço. São as combinações realizadas entre o Sujeito, o Verbo e o Objeto, SVO. A diferença entre as sentenças na Libras é percebida por expressões não-manuais, ou seja, faciais e corporais.

A Semântica estuda o significado linguístico, portanto, em termos de línguas de sinais, ocupa-se da significação que o sinal pode ter. Realiza as relações entre as expressões e o mundo. Depende, em parte, de conhecimentos extralinguísticos e do contexto de uso da língua.

A Pragmática é a área que estuda a língua dentro do contexto linguístico do uso, o seu emprego e os princípios de comunicação, bem como a eficiência das interações. Enfim, é a abordagem da construção do uso linguístico.

Também existem pesquisas nas áreas da Sociolinguística, Análise do Discurso e Linguística Aplicada com enfoque no ensino de línguas, visto que há uma ampliação de estudos sobre o ensino de Libras para os surdos nas escolas e também para pessoas ouvintes nas Universidades.

A escolha deste trabalho pela análise do vídeo de uma expressão literária, a poesia, demonstra a importância da tecnologia para a divulgação, leitura, releitura e produção da literatura surda. Essa função significativa que a tecnologia proporciona à Libras, e o uso desses recursos no ambiente escolar, é a garantia de que os alunos poderão usufruir não apenas como espectadores, mas como leitores da Libras e como autores das suas poesias na sua língua natural.

Há diversos estudos que analisam a poesia em língua de sinais de diferentes países do mundo. No Brasil, Quadros (2006) faz essa análise de como a linguagem é usada para produzir efeitos poéticos nas poesias sinalizadas. Silveira e Karnopp (2013) analisaram a literatura surda de poesias em Libras, identificando recursos poéticos, as semelhanças e as diferenças entre poemas com a mesma temática.

Conforme Quadros e Sutton-Spence (2006, p. 112), analisar a poesia em língua de sinais é, como nas línguas orais abordar uma forma intensificada de linguagem. Segundo os autores acima mencionados, a linguagem nas poesias está em primeiro plano, projeção esta que se origina da sua diferença em relação à linguagem cotidiana.

Quadros (2006, p. 115) entende a poesia nas línguas de sinais, como um empoderamento dos povos surdos pois são um grupo linguístico minoritários, pois na poesia

“[...] celebra-se a língua de sinais, o estabelecimento dos olhares e a estética espacial” (QUADROS, 2006, p. 10). Mesmo o prazer e o entretenimento proporcionados por essa arte podem ser vistos como um tipo de fortalecimento dos surdos. Ainda ressalta que o “empoderamento pode ocorrer pelo simples uso da língua, ou pela expressão de determinadas ideias e significados que se fortalecem pela instrução, pela inspiração ou pela celebração” (QUADROS, 2006, p. 115).

2.2 Cultura Visual e Tecnologias de Produção e Reprodução de Conhecimento através das Redes Sociais

O termo “Cultura Visual”, citado por Campello (2008, p. 125) “vem sendo utilizado desde 1972 por Michael Baxandall, tendo referências teóricas em Roland Barthes e Walter Benjamin. Posteriormente, George Roeder a definiu como uma forma de cultura que se vê”. Essa abordagem da Cultura Visual, segundo Campello (2008, p. 125), “reconhece a realidade de viver em um mundo de intermediação - culturalmente significativa da experiência visual, como no caso de sujeitos Surdos - e o conteúdo aparece em múltiplas formas, conteúdos e signos visuais e de ‘transferir’ de uma forma para outra”. O autor cita Mirzoeff (1999), o qual define essa área como “uma tática para estudar as funções de um mundo abordadas através de fotos, imagens e visualizações, e não através de textos e palavras”. Assim, a imagem visual, no caso da língua de sinais, necessita ser estudada e interpretada culturalmente. De acordo com Campello (2008), a percepção dos surdos está apoiada em imagens visuais, enfocando, assim, os aspectos da cultura, da língua e dos signos visuais. As imagens visuais, disponibilizadas hoje pelo avanço tecnológico, permitem aos surdos um aumento nas suas interações com a própria língua com a identidade e a cultura surda.

Muitas dessas possibilidades, de compartilhamento, por exemplo, foram possíveis a partir do desenvolvimento da Web 2.0 que permitiu às pessoas, de uma maneira geral, produzir e publicar conteúdo digital em diferentes formatos; e especificamente, para os fins desta pesquisa, em vídeos, ampliando os desafios e as possibilidades da educação atual para além do uso do caderno e dos livros nas salas de aula. Behar, Amaral e Schneider (2009, p. 308) explicam:

Web 2.0 é um termo usado para designar uma segunda geração de comunidades e serviços baseados na plataforma web. Embora o termo tenha uma conotação de uma nova versão para a web, ele não se refere à atualização nas suas especificações técnicas, mas a uma mudança na forma como ela é encarada por usuários e desenvolvedores. A regra mais importante é desenvolver aplicativos que aproveitem

os efeitos da rede para se tornarem melhores quanto mais são usados pelas pessoas, aproveitando a inteligência coletiva.

Amaral, em seus estudos sobre o fenômeno da ciberinfância (2010, p. 40), coloca que o contexto social, econômico e cultural está proporcionando meios para que as pessoas se tornem indivíduos conectados. Com esses acessos mais frequentes, são potencializadas práticas que antes eram realizadas apenas presencialmente, promovendo outras formas de interagir, trabalhar, conhecer, relacionar-se e estudar. A autora, citando Primo (2005, p. 1) ressalta que a tecnologia, por si só, não garante a construção de conhecimento, mas que, apropriada pelo professor, possibilita a autoria dos saberes, tanto dos alunos como dos professores. Essas práticas viabilizam-se por meio de softwares sociais e artefatos digitais. Professores e estudantes, desta forma, “podem atuar de forma mais criativa com os conhecimentos, deixando um pouco de lado o livro didático e os textos prontos, para produzir textos a partir de outros ou, simplesmente, inovando” (Amaral, 2010, p. 57).

Com esse desenvolvimento tecnológico e de fácil acesso para as pessoas que possuem uma conexão de internet, surgem novas questões. Uma delas é a percepção atual de que o volume crescente de postagens em mídias como *YouTube* e *Facebook* nem sempre se traduz em cuidado com a qualidade do conteúdo. Considerando-se as afirmações de Lévy (1999, p. 146), de que “o mundo virtual funciona, então, como depósito de mensagens, contexto dinâmico acessível a todos e memória comunitária coletiva alimentada em tempo real”, percebe-se a importância de registrar a língua de sinais de uma forma qualificada, de modo a preservar de forma eficaz a língua e a cultura de uma determinada comunidade surda.

2.3 A Tecnologia e o Potencial Comunicativo na Língua de Sinais ou na Educação

O incremento notável que mencionamos no acervo das postagens em língua de sinais se mostra significativo, principalmente em vista do que Schallenberger (p. 20, 2010) observou em seus estudos sobre o ciberhumor surdo e as piadas em língua de sinais, de que faltava aos surdos, “até o advento de tecnologias mais elaboradas, um arquivo cultural como os ouvintes construíram ao longo de tantos séculos de registro escrito”. Garbin (2003, p. 121), em seus escritos sobre culturas e identidades juvenis na internet, afirma:

A mídia eletrônica se apresenta como um avanço tecnológico capaz de modificar nosso comportamento, com um discurso que se materializa em novas condições de possibilidades, em novos espaços e em novas formas que ele assume [...] (Garbin, 2003, p. 121).

O uso que os surdos fazem desta tecnologia não tem por objetivo apenas a comunicação, mas também a visualização de sua língua e de sua cultura. Assim, para Schallenger, “registrar a cultura surda é preservar a própria existência dos surdos” (2010, p. 69). Para este intento, conforme já mencionamos, tem se mostrado fundamental a utilização dos recursos tecnológicos disponíveis atualmente.

Sobre o que as crianças e jovens produzem culturalmente em ambientes digitais, Girardello cita Martín-Barbero, ao destacar seu caráter de “processo produtor de significações, e não mera circulação de informações, no qual o receptor não é um simples decodificador daquilo que o emissor colocou na mensagem, mas também um produtor” (MARTÍN-BARBERO, 1987, p. 287). Assim, os surdos, com acesso às tecnologias, tornam-se produtores da própria cultura e divulgadores da própria língua, aprimorando-a e fazendo-a circular em inúmeros espaços.

Por fim, pode-se afirmar quanto ao uso dessas tecnologias no ambiente escolar, conforme Amaral (2010, p. 68) aponta em seus estudos, “[...] que os artefatos tecnológicos digitais, permitem às práticas pedagógicas contemporâneas trabalhar a autoria, tanto dos alunos, como dos próprios professores”. Cria-se, dessa forma, um ambiente favorável ao desenvolvimento cognitivo dos alunos surdos, visando, ao mesmo tempo, o compartilhamento linguístico.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa tem caráter qualitativo, pois, conforme descreve Minayo (2010, p. 22) “ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”. Assim, descreve um fenômeno atual, buscando aprofundar-se nos significados. Segundo Bogdan e Biklen (apud LÜCKE; ANDRÉ, 1986, p. 13), a pesquisa qualitativa “envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos em contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes”.

Esta pesquisa qualitativa é do tipo Estudo de Caso, pois, conforme Yin (2001, p. 19) “é a estratégia escolhida ao se examinarem acontecimentos contemporâneos inseridos em algum contexto da vida real”, ou seja, para fenômenos sociais.

O objetivo geral desta pesquisa é analisar como um vídeo em Libras pode auxiliar na forma de registro do conteúdo trabalhado em sala e no processo de aprendizagem escolar de um conteúdo pelos alunos surdos.

Os objetivos específicos são:

- Conhecer como os recursos de vídeos⁶ e filmagens⁷ estão sendo usados pelos alunos no processo de aprendizagem.
- Identificar a participação do aluno na construção da sua aprendizagem a partir de vídeos ou de filmagens desenvolvendo a autonomia e a compreensão dos conhecimentos.
- Considerar os entendimentos e o ponto de vista dos alunos que assistem e participam de filmagens na sala de aula.
- Analisar a valorização do aluno como protagonista do seu conhecimento, identificando a importância das trocas e o envolvimento do aluno na sua aprendizagem como ator/escritor e espectador/leitor das suas produções e do seu conhecimento.

⁶ Entende-se por vídeo “parte de um roteiro ou de um *script* em que se fazem as indicações relativas às imagens a serem registradas”. (FERREIRA, 1986, p. 1775).

⁷ Entende-se filmagem como o “ato ou efeito de filmar”. (FERREIRA, 1986, p. 779).

3.1 Caracterização do local da pesquisa

O reconhecimento legal da Libras proporcionou às comunidades surdas do Brasil pensarem em escolas bilíngues de surdos respaldadas legalmente. Assim, a escola bilíngue em que esta pesquisa se realiza começou seu funcionamento em 2007, comemorando neste ano seu décimo-primeiro aniversário. A escola foi criada a partir de uma demanda apresentada em plenárias do Orçamento Participativo por alunos surdos adultos do Centro Municipal do Trabalhador Paulo Freire (CMET), que vislumbravam uma Escola de Surdos Bilíngue de ensino fundamental nas modalidades de Ciclos e de Educação de Jovens e Adultos (EJA).

A escola, que está situada num bairro de Porto Alegre, iniciou de fato seu funcionamento em 2007, no Centro, mais precisamente no quarto andar da Secretaria Municipal de Educação, com Atendimento Educacional Especializado a alunos surdos matriculados nas escolas regulares do município. Posteriormente, ampliou seu atendimento formando uma turma do primeiro ano do ensino fundamental e passando para um prédio provisório. Teve, em 2011, a mudança para o endereço atual. Hoje atende alunos surdos de vários bairros da cidade e também da região metropolitana, em turmas de anos iniciais e finais de ensino fundamental, nos ciclos e na EJA (migradas da escola CMET). Com a criação da escola de ensino fundamental houve a necessidade de ampliar o atendimento a alunos de Estimulação Precoce e Psicopedagogia Inicial (EP/PI).

3.2 Caracterização dos Sujeitos da pesquisa

O público selecionado para participar desta pesquisa possui um bom desenvolvimento linguístico, apresentando fluência em Libras e algum conhecimento em filmar e navegar na internet, além da autonomia que apresentam em acessarem as tecnologias, sem dependência dos familiares.

Foi enviado para a família o termo de participação para os pais ou responsáveis, os quais aceitaram que o menor participasse da pesquisa e o devolveram assinado. O termo de participação consta no Apêndice I.

São quatro alunos os participantes escolhidos para o grupo focal, uma menina e três meninos, não é feita a distinção de gênero e a palavra alunos é utilizada para ambos os sexos. São usadas as letras “D”, “E”, “F” e “G” para nomeá-los e preservar as suas identidades. Os alunos têm entre 14 e 16 anos. O aluno D tem 17 anos, o aluno E tem 14 anos, o aluno F tem 15 anos e o aluno G tem 17 anos. Os alunos adolescentes estão matriculados nos anos finais

do ensino fundamental de uma escola de surdos bilíngue do município de Porto Alegre. Dois possuem celular e dois não possuem, gostariam de comprar, mas não têm condições financeiras neste momento para isso. Estes últimos estão aguardando começar um estágio para, finalmente, com a bolsa que receberão, adquirir um celular.

Alguns iniciaram seus estudos em escolas de surdos e outros em escolas regulares, ressaltando-se que estes foram transferidos posteriormente para a escola de surdos após a constatação da surdez nos primeiros anos de escolarização.

Todos os alunos aprenderam Libras, após ingressarem na escola, aos 6 ou 7 anos de idade. Todos estudam no turno da manhã e apenas um deles cumpre estágio remunerado à tarde, complementando a renda familiar. Cabe observar que a situação econômica mencionada não reflete a realidade da maioria dos estudantes da escola, que depende do Benefício Assistencial ao Idoso e à Pessoa com Deficiência (BPC).

Todos os pais desses alunos são pessoas ouvintes que aprenderam alguns sinais depois do seu filho ou filha ingressar na escolar. Três moram com o pai e a mãe, e um, com os avós. Todos são a única pessoa surda na família. O termo de consentimento foi assinado por um familiar ou responsável e consta o modelo no final desta pesquisa no Apêndice I com o título de Termo de consentimento informado.

3.3 Instrumento

A linha norteadora deste trabalho foi, inicialmente, a análise e a descrição de um vídeo produzido por alunos de uma escola bilíngue para surdos do município de Porto Alegre. O vídeo em questão é uma produção de conhecimento compartilhada na página da escola em uma rede social, a partir de conteúdos trabalhados em sala de aula utilizando a Libras e a Língua Portuguesa, por meio da gravação com um celular e do uso de programas de edição.

Essa filmagem foi escolhida para descrição e análise devido aos objetivos, proposta educacional e gênero literário nos quais está inserida. O vídeo chama-se “A Construção de um Poema⁸”, e está acompanhado da seguinte descrição:

⁸ Em línguas orais, poema é uma “obra em verso”. (FERREIRA, 1986, p. 1352). Na Libras, o sinal que define “poema” e “poesia” é o mesmo.

Momentos de final de ano: nosso "Adote um Escritor" com Mario Pirata Brincadeiro foi, como sempre, inspirador! A aluna [K] e o aluno [E] fizeram um dos trabalhos que apresentamos, cada um criou seu poema a partir de palavras recortadas de revistas. (EMEF DE SURDOS BILÍNGUE SALOMÃO WATNICK, 2016)

O vídeo está no *Facebook*, na página da escola, e também foi compartilhado pelos alunos. Possui 2 minutos e 30 segundos de duração.

No início do vídeo, aparece o poema, feito com recortes de algumas figuras e palavras de revistas coladas num papel verde: “começo sabe como ama melhor e mais forte sorte com prazer sonho importante busca mais amigo top”.

Em seguida, aparece a aluna K, em pé, fazendo a interpretação da poesia⁹ em Libras. Segue a glosa: COMEÇO – SABE – COMO – AMOR – MELHOR – MAIS – FORTE – SORTE – PRAZER – SONHO – IMPORTANTE – BUSCAR – MAIS - AMIGO – TOP.

A filmagem foi realizada provavelmente numa sala de aula, atrás da aluna aparecem um quadro branco com algumas escritas em *Sign Writing*¹⁰ e um cartaz com a escrita dos numerais em língua portuguesa.

Após a interpretação da jovem, a filmagem, que era colorida passa para preto e branco, então aparece a professora J, sentada atrás de uma mesa, também em uma sala de aula. A professora J faz explicações a respeito da poesia em língua portuguesa e em Libras: Segue a interpretação desta fala de Libras para LP.

Porque em português são apresentadas palavras que rimam entre si. Por exemplo, é feita uma troca de palavras, um jogo com as palavras. E como é isso na língua de sinais? Tem a configuração de mão, tem o corpo, tem as mãos que são leves, tem as expressões faciais, contraste de sinais leves e fortes. Por exemplo “começo” o sinal é amplo, grande, “sabe” com expressão facial acentuada, “amor” o sinal com intensidade forte, com expressão facial, “melhor” sinal com intensidade, com expressão facial, “forte”, sinal amplo, “sorte” sinal amplo, com intensidade forte, com expressão facial. (EMEF DE SURDOS BILÍNGUE SALOMÃO WATNICK, 2016)

A professora J pergunta para aluna K se ela entendeu.

O vídeo torna a ser para colorido e a professora J interpreta a poesia em Libras, dando cadência aos movimentos dos sinais, usando as expressões faciais de forma marcada, realizando movimentos com intensidade leve, moderada e forte.

⁹ O que diferencia o conceito de poesia é o “entusiasmo criador, inspiração”. (FERREIRA, 1986, p. 1352).

¹⁰ *Sign writing* é um sistema de representação gráfica aplicada às línguas de sinais, pode registrar qualquer língua de sinais do mundo sem passar pela tradução da língua falada. (STUMPF, 2008)

A aluna K se diz admirada e afirma que a interpretação da professora está perfeita.

O vídeo mostra outras palavras recortadas de revistas coladas num papel azul, são elas: “Ideia errada no mundo do gato imaginar jogar Xbox ser loiro reino animal eles são felizes.” Também há o recorte de um gato e seu reflexo em amarelo.

Emoldurado por um fundo branco, aparece o aluno E, posicionando-se de lado e em pé. Ele coça a cabeça, como se observasse um gato no chão, e começa a sinalizar. Segue a glosa: VOCÊ – ERRADO – VOCÊ – GATO – MUNDO – VOCÊ – IMAGINA – VIDEOGAME – COMBINA – XBOX – COMO – AMARELO – AMARELO – CABELO – COMO – VOCÊ – CONJUNTO – GATO – VOCÊ – SIM – COMBINA – VOCÊ – JUNTO – VOCÊ – FELIZ.

O aluno vira-se de frente.

Sobem então os créditos do vídeo.

Essa filmagem foi realizada pela professora A em conjunto com os alunos, nas suas aulas, como forma de fixar o conteúdo aprendido. É necessário frisar novamente que as filmagens ou a produção de vídeos são as formas de registro mais fidedignas das línguas de sinais pelas pessoas surdas.

O aluno E, que participou da filmagem, também participou da análise. Os vídeos podem ser acessados pelo público e os nomes dos alunos podem ser conhecidos nos créditos, no entanto, os pseudônimos usados nesta descrição têm o objetivo de manter o sigilo da identidade, em decorrência de cuidados éticos da pesquisadora.

Utilizou-se como técnica da pesquisa o grupo focal, na qual o grupo de alunos assistiu e revelou as percepções que tiveram do conteúdo e da forma de produção do vídeo escolhido para esta análise. De acordo com Gatti:

O trabalho com grupos focais permite compreender processos de construção da realidade por determinados grupos sociais, compreender práticas cotidianas, ações e reações a fatos e eventos, comportamentos e atitudes, constituindo-se uma técnica importante para o conhecimento das representações, percepções, crenças hábitos, valores, restrições, preconceitos, linguagens e simbologias prevalentes no trato de uma dada questão por pessoas que partilham um traço comum, relevantes para o estudo do ambiente visado. (GATTI, 2005, p.11)

Após análise do vídeo com o grupo focal, realizou-se a discussão coordenada pela pesquisadora com um roteiro semiestruturado, que constam nos APÊNDICES II e III, para organizar e proporcionar a discussão entre os participantes de modo a alcançar o objetivo da pesquisa. Para este intento, segundo Gatti (2005, p. 29):

[...] os participantes devem sentir-se livres para compartilhar seus pontos de vista, mesmo que diverjam do que os outros disseram. A discussão é totalmente aberta em torno da questão proposta, e todo e qualquer tipo de reflexão e contribuição é importante para a pesquisa.

Optou-se por utilizar a filmagem para o relato das opiniões que foram sinalizadas pelo grupo focal e por entender-se o vídeo como a forma mais fidedigna de registro da Libras, proporcionando, assim, aos alunos uma maneira clara de expressarem as suas opiniões. Conforme Gatti (2005, p. 9), no grupo focal “há interesse não somente no que as pessoas pensam e expressam, mas também em como elas pensam e porque pensam o que pensam”.

As filmagens em questão foram posteriormente traduzidas para a língua portuguesa para haver um registro escrito onde também constem os dados significativos deste trabalho. De acordo com Gatti (2005, p. 46), “as transcrições são apoios úteis, lembrando que é necessário mergulhar nas falas, nas expressões de diversas naturezas, no processo”. Neste caso, é necessário levar em consideração as sinalizações e as diversas expressões faciais e corporais presentes nas narrativas dos usuários de língua de sinais. Segundo o autor acima citado (2005, p. 28), a coleta dos dados deve permitir retrair caminhos de construção e de valoração das ideias do grupo. A transcrição das falas do grupo focal consta no Apêndice III.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

A partir dos dados coletados, a análise foi agrupada em três diferentes categorias, sistematizando-se desta forma as contribuições mais relevantes trazidas pelos alunos em relação aos questionamentos feitos discutidas à luz da fundamentação teórica. Na primeira categoria, discute-se como os vídeos se constituem como ferramentas de divulgação e apropriação das línguas de sinais e como se dá a apropriação da língua de sinais a partir do ponto de vista dos estudantes. Discorre-se a respeito de como a tecnologia possibilitou acesso às línguas de sinais de modo independente do tempo e do espaço físico onde os alunos estão. Na segunda categoria, destacam-se os dados referentes ao vídeo como forma de registro de aprendizagem em Libras, no caso referido, o conteúdo trabalhado foi a construção de uma poesia em língua de sinais. Em seguida, são pensados, de uma maneira em geral, os vídeos e filmagens em Libras como forma de compartilhamento de informações e de conhecimento, a partir dos dados trazidos pelos alunos.

4.1 Vídeos como ferramenta de divulgação e apropriação das Línguas de Sinais

Se, para a maioria das pessoas, o celular é usado para falar, para os surdos ele é usado filmar e para ver o que o outro está dizendo em língua de sinais. A tecnologia, em especial a gravação em vídeo, proporcionou aos surdos a divulgação da Libras para pessoas surdas e ouvintes de todo o mundo. A partir deste avanço, as trocas em língua de sinais não dependem de emissores e receptores estarem fisicamente no mesmo lugar para haver comunicação na língua. De acordo com Lévy, a tecnologia possibilitou que as informações possam ser “compartilhadas entre numerosos indivíduos” e aumentando, portanto, “o potencial de inteligência coletiva dos grupos humanos.” (LÉVY, 1999, p. 53). Se antigamente era preciso que os surdos estivessem presentes para conversar, hoje em dia pode-se interagir com o outro tendo um celular e uma conexão com a internet.

A possibilidade de acesso ao mundo tecnológico e interativo sem dependência da presença física foi percebida pelos alunos adolescentes tanto no âmbito social como escolar. Eles observaram a necessidade de ter um bom celular com uma boa câmera fotográfica e uma boa conexão de internet. Quando no grupo focal foram perguntados a respeito das filmagens, se elas ajudam a se comunicar, o aluno D, 17 anos, que possui um celular, prontamente responde que “sim, facilita a comunicação, o problema principal é quando não tem internet”. Além da conexão em si ainda não ser acessível para todos, os alunos também se depararam

com a questão da aquisição dos aparelhos usados para comunicação, neste caso, um celular ou um *tablet*. Em decorrência deste fato, o aluno E, 14 anos, expôs que não realiza filmagens pois está sem telefone celular. No decorrer da conversa, entretanto, explicou que tem celular, mas que a câmera não é muito boa.

Quando os alunos foram perguntados se faziam, filmagens com seu celular, F, 15 anos, responde: “não tenho celular, se me emprestam, sim”. Provavelmente, alguém na família tenha um celular, mas este ainda é um recurso caro para uma parcela da população, não estando ao alcance de todos, como demonstrou o relato acima.

Ao propor o uso do celular como recurso didático e tecnológico para aprendizagem dos surdos, pode-se comparar o emprego do aparelho com câmera e espaço de armazenamento ao uso do lápis e caderno para os demais alunos que ouvem. Percebe-se o quanto tais recursos (celular, *tablet*, internet, programas e bancos de dados) são, para os surdos, os porta-vozes ou os registros documentais de sua língua, de sua cultura, do seu conhecimento, da sua forma de ser e estar no mundo atual. Schallenberger (2010) demonstra em seus estudos, que a escrita dos surdos é a própria língua de sinais, sem as tecnologias apropriadas sequer as histórias pessoais são passadas de uma geração a outra.

Notou-se que não é apenas a falta de equipamentos que impossibilita o uso das tecnologias, mas também a qualidade dos aparelhos, conforme o aluno E confessou: “Sim, eu uso, algumas vezes um amigo me empresta, porque o celular dele é melhor, então ele me empresta para eu filmar, com o meu não adianta. Eu quero um celular bom, então eu uso o dele para me filmar”. Além da qualidade tecnológica, o aluno também demonstrou preocupar-se com a qualidade da produção e disse: “...Eu tenho meu canal no *YouTube*, mas eu não consigo usar, não consigo usar as filmagens, não consigo fazer, não tenho ideias legais, as coisas, não tenho, mas às vezes isso me incomoda, às vezes, tenho algumas poucas ideias, aí eu posto” (Aluno E). Ao realizar uma autocrítica tão severa, o aluno deixou claro que não quer postar qualquer coisa, quer postar questões com algum conteúdo relevante e interessante para os outros que o assistem, tornando-se, assim, uma representação positiva para outros surdos.

Campello (2008) também em seus escritos sobre as sugestões e parâmetros para a implementação de propostas pedagógicas pautadas na visualidade, voltadas à educação de surdos, propõe que haja mais materiais, como, por exemplo, CDs e DVDs que ofereçam maior estrutura e apoio linguístico para os surdos. O autor considera que “esses materiais são de suma importância para a construção de uma autorrepresentação e de autoafirmação da identidade, cultura e língua dos Surdos” (CAMPELLO, 2008, p. 138).

O aluno D, ao ser perguntado se faz filmagens e se facilitam a comunicação, esclarece o seguinte: “se não tem internet, é uma porcaria. Fica travado e não entendo nada”. O acesso à informação que é apresentada em Libras requer uma apreciação completa da gravação, sem pausas, numa velocidade que permita ao espectador interpretar o que está vendo. O fato de “travar”, ao qual o aluno D se referiu, decorre da falha de velocidade na transmissão dos dados pelas operadoras de comunicação. Conforme Buckingham (2010), afirma em seus estudos, a crescente acessibilidade da tecnologia significa que jovens podem, com facilidade, produzir textos multimídia e mesmo hipermídia interativa. Entretanto, caso essa acessibilidade não aconteça de maneira eficaz, o desenvolvimento proposto pelas mídias acaba não ocorrendo, e, com isso, algumas experiências e oportunidades de aprendizagem ficam restritas apenas a quem possui um celular e boa conexão. Para os surdos, essa acessibilidade dificultosa aos meios tecnológicos e a falta de conexão com a internet impossibilitam as interações, as trocas entre os que compartilham a mesma língua, por conseguinte, pode trazer dificuldades para o desenvolvimento nas diversas áreas de conhecimento.

Ao serem indagados se assistem vídeos em Libras de outras escolas, apenas D comentou que “sim, vejo várias coisas de uma escola em São Paulo, assuntos sobre questões sociais”. Os outros alunos responderam que não, nunca viram ou pesquisaram sobre outras escolas” (E, F e G). Nota-se um desconhecimento por parte dos alunos, sobre as possibilidades da internet e as interações que são viáveis no meio virtual.

É necessário incentivá-los, na escola, a buscarem outros meios para as suas aprendizagens, para tornarem-se protagonistas do seu conhecimento, almejem ir além dos meios e instrumentos que a escola e os professores oferecem, verem na tecnologia um recurso para seu desenvolvimento cognitivo e linguístico. Há necessidade de esclarecer e proporcionar aos alunos surdos, que é possível compartilhar conhecimentos, apropriar-se de conteúdos, aprender a respeito da Libras e de outras línguas de sinais por meio da internet e do material disponível em diferentes programas, sites e aplicativos. Para além do ambiente escolar, o ambiente virtual também possibilita, conforme Schallenberger (2010, p. 69) propõe, que “a cultura, em especial a Libras, através de artefatos visuais, possa se consolidar de uma maneira mais efetiva para surdos que somente entram em contato com a língua de sinais no ambiente escolar”. O autor sugere que “as tecnologias digitais, em especial programas de armazenamento como o *YouTube* podem ter uma inserção pedagógica e cultural mais ampla”. (SCHALLENBERGER, 2010, p. 69).

Quando indagados a respeito do vídeo que assistiram em Libras, se entenderam tudo o que foi sinalizado, reconhecem, conforme o aluno D expôs, compreender “mais ou menos”. É interessante observar que nem tudo que é sinalizado sempre é entendido pelos alunos, há necessidade de pensar o contexto, ler e interpretar e conhecer o significado e o significante para haver entendimento. Conforme abordado anteriormente, a questão semântica da língua envolve o entendimento da significação que o sinal pode ter. Para realizar as relações entre as expressões e o mundo são necessários conhecimentos extralinguísticos, além do contexto de uso da língua em diferentes situações. Ao pensar a Libras, sobre como expressar-se com propriedade, como e reconhecer os elementos básicos constituidores da língua e aprimorá-la, os alunos estão refletindo a respeito das questões semânticas, devido ao significado linguístico do que é sinalizado e das questões pragmáticas, analisando o uso do produto final em termos de eficiência e capacidade comunicativa.

O acesso e a conectividade permitem que os alunos se informem mais, aprendam, desenvolvam seus conhecimentos através de vídeos, aplicativos e interações que realizam com os outros através da Libras. Pode-se constatar isso a partir das falas de D, E, F e G que, quando foram perguntados se acharam que o vídeo assistido ajudaria pessoas a aprenderem mais, responderam que sim, elas poderiam aprender mais a língua. Pode-se perceber no posicionamento acima exposto que os alunos colocam-se como espectadores/leitores, além de produtores/escritores do conhecimento, pois abstraem que seu processo de aprendizagem a partir dos vídeos de outras pessoas pode ser verdadeiro também para os espectadores dos vídeos que produzem. Conforme Buckingham (2010, p, 51) aponta, “é importante enfatizar que o conhecimento da mídia envolve tanto escrever quanto ler a mesma mídia; e aqui, novamente, a tecnologia digital apresenta alguns novos e importantes desafios e possibilidades”. Ou seja, saber utilizar-se das mídias visuais compreende não só ler a Libras como sinalizá-la, algo que traz diferentes perspectivas e desafios.

O aluno F ilustrou muito bem essa questão quando foi perguntado se tinha mais dificuldades de saber algumas coisas quando criança, quando o acesso a vídeos em Libras era mais escasso, então ele contou o seu processo inicial de ingresso na escola: “Comecei novo na escola, fui indo, me adaptei, comecei a aprender a língua de sinais, tive interesse, me apropriei, troquei¹¹ por livros de história, por contação visual, percebi que eu gosto de mudar,

¹¹ A escolha do sinal “trocar” pelo aluno é muito interessante, neste caso, pois ele o utiliza aqui como se mencionasse objetos sendo trocados, ou a substituição de uma coisa por outra, não uma sucessão de recursos e conteúdos trabalhados pela professora.

mudei para o teatro, para apresentações filmadas, para então divulgar no *Facebook*". Tal relato demonstra um desenvolvimento como estudante surdo, a apropriação do espaço escolar, da língua de sinais, da língua escrita, para posteriormente inserir-se num outro contexto, numa rede social ou através de uma mídia. Muitas vezes isso não ocorre de uma forma tão gradual, conforme foi explicado pelo aluno, mas de modo concomitante, o aprendizado das línguas e o aprendizado das diferentes formas de linguagem e diferentes meios, como a contação de histórias, o teatro e as filmagens.

O aluno G, 16 anos, explicou: “gosto de ver os colegas da escola, aprendo como eles fazem e como é melhor não fazer, às vezes vejo o que eu ou outro colega fez errado... Isso é uma porcaria, mas tudo bem”. Assistir ao outro e a si mesmo é uma maneira de encontrar-se e encontrar com o outro igual, que compartilha a mesma língua. Desta forma, são proporcionadas capacidades de desenvolver maneiras de sinalizar melhor, de forma mais clara, com mais recursos linguísticos, de maneira a aprimorar o uso da língua de sinais. Essa interação entre os pares, entre iguais, também usuários da língua visual-gestual, promove a construção da identidade surda. Perlin (1998, p. 54), relata o seguinte sobre suas vivências:

[...] aquilo no momento de meu encontro com os outros surdos era o igual que eu queria, tinha a comunicação que eu queria. Aquilo que identificava eles identificava a mim também e fazia ser eu mesma, igual. O encontro surdo-surdo é essencial para a construção da identidade surda, é como abrir o baú que guarda os adornos que faltam ao personagem (1998, pg. 54).

Além de poder aprimorar o uso da Libras, o sujeito surdo também tem acesso a outras línguas de sinais de outros lugares do mundo, como revelou fazer o aluno E, que gosta de assistir outros vídeos de jovens surdos em ASL¹², pois acha muito legal. De outra forma, o aluno D alegou gostar de assistir conteúdos em ASL, embora assumiu que às vezes não entende nada. Apesar de todas as línguas de sinais serem visuais, elas não são universais. Para o real entendimento, há necessidade de aprender a outra língua. Também ocorre com a Libras, quando novos sinais são criados de acordo com a necessidade dos surdos de comunicarem-se. Os alunos E, F e G, após assistirem o vídeo e perguntados se aprenderam algum sinal novo, colocaram que: “Sim, o sinal de “configuração de mão”. Este sinal é um sinal de uso gramatical, não é usado no cotidiano, é um vocábulo específico dentro da área fonológica das Libras.

¹² ASL- American Sign Language, Língua de Sinais Americana.

O uso de vídeos como ferramenta de divulgação e apropriação das Línguas de Sinais, por si só, não garante a aprendizagem da língua. Há necessidade de serem feitas mediações e intervenções, dependendo do conteúdo e do nível de desenvolvimento dos alunos. Obter atenção e compreensão plenas às vezes envolve a necessidade de pausar o vídeo, voltar algumas vezes o mesmo trecho e assistir novamente até o conteúdo tornar-se claro. A apropriação da língua de sinais ocorre de maneira semelhante ao aprimoramento de qualquer outra língua, pois, quanto maior for o contato da pessoa surda com seus pares ou a exposição a sinalizações, melhor será o seu desenvolvimento linguístico. Amaral escreve que as ferramentas oferecidas pela web “democratizam os saberes, já que tanto professores, alunos ou cientistas podem escrever e publicar suas ideias e interesses em lugares comuns, como páginas *web*, *wikis*, *blogs*, revistas, etc.” (AMARAL, 2010, p. 121).

Instigados a pesquisar sobre os conteúdos assistidos em vídeos disponibilizados pelo professor, constata-se que a compreensão pode ser facilitada, conforme o aluno E relatou: “às vezes não entendo o que está no vídeo. Às vezes, não consigo entender o objetivo do vídeo”. Da mesma forma, também o aluno G revelou: “às vezes fico só assistindo, às vezes tem coisas legais, piadas, às vezes não entendo muito.” É necessário pontuar que somente o recurso de vídeo não é suficiente para que a transmissão do conhecimento ocorra, muito menos que se efetive a aprendizagem do estudante. É indispensável que haja mais interação com o conteúdo proposto, mais explicações, mais elementos para que os alunos consigam proceder ao seu desenvolvimento e às suas aprendizagens.

Conforme Schallenberger (2010, p. 64), “parece que as tecnologias vêm mostrando uma capacidade crescente de registrar os saberes dos surdos de forma que eles sejam compartilhados”. Assim, amplia-se a circulação de informação e o compartilhamento de conhecimentos para além das escolas de surdos, pois, na maioria dos casos, a escola é o único lugar onde o surdo encontra seus pares para compartilhar as informações na sua língua natural.

Quanto à produção dos vídeos em Libras pelos alunos, muitas vezes se apresentará de forma inacabada, sendo necessário filmar e refilmar, produzir e reproduzir. Compreende-se que no momento da filmagem pode existir um número limitado de recursos disponíveis, sejam eles tecnológicos, pessoais ou de conhecimento de quem produz, mas que servirão de base para a melhoria em gravações posteriores. Pensar sobre essas produções visuais dos surdos nas escolas significa oferecer possibilidades de redesenhar a educação de surdos, popularizando novos recursos que podem estimular a ampliação do conhecimento e da própria língua. Desta forma e visando contribuir com a educação de surdos, é necessário incorporar,

no cotidiano da sala de aula, todos os recursos visuais tecnológicos disponíveis, considerando a criatividade e expressividade dos estudantes e respeitando a sua modalidade de comunicação visual-gestual no processo de ensinar e aprender.

4.2 Vídeos como registro de aprendizagem em Libras, uma poesia.

Neste subcapítulo, está a análise específica do vídeo apresentado aos alunos, reiterando o conceito de poesia como um gênero literário diferente de outros em termos de, conforme dito anteriormente, intensificação da linguagem, separando-a dos usos cotidianos (QUADROS E SUTTON-SPENCE, 2006, p. 112).

Nos últimos anos, podem-se encontrar mais postagens em Libras, com diferentes conteúdos, difundidas por meio dos *sites* do *Facebook* e *YouTube*. Também são inúmeros os estudos sendo realizados a partir de análises de vídeos de línguas de sinais. Essas formas de divulgação de pesquisas têm contribuído para um melhor desenvolvimento e aprimoramento da língua. A análise de vídeos não era viável há alguns anos, então recorria-se às imagens fotográficas, transcrições ou pesquisas *in loco* para os trabalhos acadêmicos a respeito dos surdos e das línguas de sinais. O alcance da Libras no ambiente virtual tem demonstrado inúmeras oportunidades de interações e compartilhamentos entre os surdos ou usuários de língua de sinais.

Pesquisas sobre as poesias em línguas de sinais são bastante recentes, pode-se inclusive dizer que tiveram impulso com o uso da tecnologia, assim como, a crescente circulação desse gênero em diferentes ambientes virtuais, com um alcance mundial.

Durante a conversa com o grupo focal, propôs-se, aos alunos, que explicassem a temática do vídeo assistido. Todos identificaram que se tratava de uma poesia. Essa constatação ocorre conforme o aluno D exemplificou: “é um jeito, é uma emoção, são as possibilidades da imaginação, das conexões que são feitas, de como ocorrem as inversões, as trocas. A forma como é feita a contação, o jeito, a possibilidade de ‘abrir a mente’ em sinais que é muito forte”.

A poesia, como gênero literário, permite associações harmoniosas de palavras e ritmos. Nas línguas de sinais, os sinais também são combinados, há um ritmo, uma entonação realizada pelos movimentos que os sinais são feitos e pela direção que tomam. Quem produz a poesia tem o objetivo de despertar a emoção de quem a assiste, revelando a criatividade por meio das escolhas de movimentos e ritmos. Está presente também o sentido do belo, o

envolvimento estético e combinado dos sinais, necessários à elaboração da poesia e distintos de outras narrativas sinalizadas.

A poesia proporciona contar e contar-se de maneira diferente dos demais gêneros literários, o que também foi percebido pelo aluno G: “a pessoa olha de uma maneira diferente de quando ela está só sinalizando”. O aluno percebeu o gênero em questão pela expressão corporal, que é tão importante na narrativa da língua de sinais quanto os fonemas das línguas orais. A expressão corporal da poesia é realizada de maneira diferente, como o aluno D observou: “se eu vou contar uma história, me viro, direita e esquerda, na poesia a pessoa fica muito parada”. O aluno E contribuiu dizendo que a pessoa surda “...fica pensando: como posso fazer uma poesia, como vou usar os sinais, como vou posicionar meu corpo”. Essas questões de postura corporal, de como o corpo se coloca em determinado espaço enquanto sinaliza, é chamada de expressão corporal e é elemento gramatical da Libras.

No vídeo, aparece a aluna K, depois a professora J e o aluno E, este é o mesmo que participa do grupo focal. Quando ele foi perguntado se entende tudo o que está sendo sinalizado, respondeu o seguinte: “então, com a poesia eu leio, acho um jeito de misturar sinais, palavras, liberar a minha expressão, contar, contar, cada vez mais perfeitamente, conseguindo fazer algo grande, expressivo, narrado, uma entrega”. Esse desenvolvimento de apropriação dos sinais amplia as possibilidades de interação da língua com diferentes formas de uso que se pode fazer dela passando de leitor/receptor para um escritor/produtor sendo capaz de criar, escrever ou sinalizar. “A possibilidade criada pelas mídias digitais do aluno tornar-se também produtor torna urgente a necessidade de prepará-los para serem não apenas críticos e criativos, mas também produtivos” (LUZ e CRUZ, 2018, p. 2).

O ato de pensar a leitura ou escrita de uma poesia em Libras pode ser comparado inicialmente, conforme Perlin (1998, p. 54), metaforicamente, ao ato de “abrir o baú que guarda os adornos que faltam ao personagem”. Inicialmente, é necessário ter um baú, ter contato prévio com a Libras, ter aprendido a língua, se apropriado dela em todos os seus níveis, para, então, abrir o baú dos recursos que permite aos seus usuários, usá-la nas suas diferentes formas e conteúdos.

4.3 Vídeos e filmagens em Libras como forma de compartilhamento de informações escolar

Pensar na educação de surdos e da tecnologia é visualizar outras formas de compartilhamento de informações e de interagir com o conhecimento. Nesta parte da

pesquisa, estão as análises do que foi compreendido pelos alunos, o que aprenderam a partir do vídeo proposto. Também se encontram as observações de como foi a compreensão do que os alunos assistiram, de como perceberam o vídeo proposto em sala de aula e das múltiplas possibilidades que encontram nos recursos de vídeos e de filmagens.

Os alunos F e G contribuíram para a conversa referindo-se aos vídeos que assistem no ambiente escolar e extraescolar. O aluno F contou que no ambiente escolar: “os professores na sala mostram vídeos, isso ajuda a compreender algumas coisas”. Ele não especificou o que exatamente tem assistido em conjunto com os professores mas revela que é um recurso utilizado pelos professores.

No ambiente extraescolar, o aluno G completou: “sim assisto, vejo alguns vídeos de português, de química, assuntos do dia do surdo, assuntos sobre viagem, diversas coisas eu fico assistindo”. Este aluno percebeu os vídeos como subsídios para os conteúdos desenvolvidos pelos professores, como recursos que podem ser utilizados para a formação do estudante. O aluno G revelou também a autonomia para buscar meios de pesquisar a respeito dos assuntos de seu interesse e ampliar o seu conhecimento. Essas pesquisas provavelmente são feitas fora do horário de aula, não necessariamente ocorre com a presença dos pares, dos colegas ou professores ou dos usuários da língua de sinais. A internet possibilita o deslocamento tanto no tempo como no espaço, a comunicação a distância, a possibilidade de ver e rever inúmeras vezes conteúdos escolares, sem a necessidade da presença física do professor. Tais constatações sugerem, portanto, que assistir não é garantia de entender e aprender para alguns alunos, enquanto para outros o recurso dos vídeos como fonte de pesquisa é natural, corriqueiro e de fixação do conhecimento.

O aluno E, quando foi perguntado se realiza pesquisas sobre os conteúdos assistidos em vídeos disponibilizados pelo professor, complementou: “uso o *WhatsApp* e, quando acho interessante, salvo o vídeo para depois mostrar para o professor S”. Constata-se pelo relato que o aluno, a partir de seu interesse, apresenta um vídeo para o professor de determinado conteúdo para ser pensado, aprendido ou apenas compartilhado com a presença física de ambos, aluno e professor. Percebe-se que o professor apesar de todo avanço da tecnologia é a referência para o aluno. O educador tem um papel importante, servindo de mediador entre a tecnologia do que é veiculado e na formação do conhecimento do aluno. Conforme Buckingham (2010, p. 53) afirmou nos seus estudos, “a ideia de que a tecnologia em si mesma transformaria radicalmente a educação – e até mesmo resultaria no fim da escola – não passou de ilusão”. Na escola de surdos, o professor se mantém ainda mais fortemente como referência para seu público, pois é ele que compartilha a mesma língua, que muitas vezes a

família não domina. O mesmo autor reconhece um outro papel que a escola está desempenhando, que é o de acesso aos equipamentos e às mídias, sendo “mais do que disponibilidade de equipamento, ou uma questão de habilidades técnicas: é também uma questão de capital cultural – a capacidade de usar formas culturais de expressão e comunicação”. (BUCKINGHAM, 2010, p. 53).

Para ocorrer o registro de filmagens, é necessário observar o que o aluno E propôs como sugestões: “para filmar, o fundo precisa ser branco, ter boa iluminação, a pessoa precisa estar de frente para a câmera para se ver o rosto dela e o corpo, a filmadora precisa enquadrá-la abaixo do peito e nas laterais aparecendo os braços, como se fosse um quadrado a sua volta. Quanto melhor a qualidade da filmagem, melhor ficará o vídeo”. Tais observações demonstram que, o aluno aprendeu a filmar, que há preocupação com a iluminação, enquadramento e planos de filmagem, no caso, o plano americano. Buckingham (2010, p. 52) considera que a “produção de vídeos, a tecnologia digital pode tornar claros e visíveis alguns aspectos fundamentais do processo de produção que com frequência permanecem ocultos quando se usam tecnologias analógicas”. O aluno E complementou: “Para a pessoa que está sinalizando, precisa estar num ambiente claro, se está escuro aí fica defeituoso, melhor que esteja claro para a filmagem”. Percebe-se que este aluno, que também possui um canal no *YouTube* tem um bom conhecimento de como produzir uma filmagem, e preocupa-se com a técnica e a estética, além dos conteúdos, como foi visto anteriormente.

É possível pensar a escola de surdos como um novo espaço pedagógico, possibilitando novas formas de registros. Trata-se de uma instituição capaz de produzir e compartilhar vídeos em língua de sinais, de modo a ampliar os conhecimentos dos alunos na sua língua natural e dentro de uma proposta bilíngue de educação. É necessário vislumbrar novas formas de registros, contando com o apoio e o desenvolvimento da tecnologia para elaboração de materiais didáticos produzido pelos alunos e para eles, bem como o apoio do professor, levando-se em consideração as peculiaridades do aluno surdo, que aprende através da língua de sinais, dentro de uma proposta de cultura visual.

Como visto anteriormente, as intervenções do professor são necessárias, levando-se em conta que apenas o uso da tecnologia visual, sem mediação, não basta. No entanto, é um recurso disponível para as escolas de surdos, e que pode ser incorporado no cotidiano das aulas de uma forma tão natural quanto o uso de quaisquer tecnologias no cotidiano. Apesar de nem todos os estudantes poderem dispor desses meios em suas casas, a escola pode oferecê-los para serem usados de forma coletiva.

O vídeo como registro de aprendizagem em Libras, que no caso foi de uma poesia, serve para ilustrar como o desenvolvimento da língua de Sinais é dependente dos recursos tecnológicos que se tem atualmente. No ambiente virtual, é somente através da gravação em vídeo que é possível fazer o registro e divulgação desse gênero literário na língua de sinais de forma fidedigna e autoral. Desta forma, é possível pensar na aprendizagem e desenvolvimento da língua de sinais enquanto língua de uma comunidade surda, compartilhando informações e conhecimento.

5 CONCLUSÃO

Atendendo à expectativa inicial do trabalho, em relação à contribuição de vídeos em Libras no processo de aprendizagem de surdos, reconhece-se que tais vídeos se constituem como meios de distribuição da língua de sinais, servem como modelos de inspiração para os estudantes e como forma de aprendizagem da língua, e proporcionando, ao estudante surdo, a ampliação do seu repertório linguístico e a qualificação da comunicação. Constatou-se que as filmagens, como forma de registro de conteúdos trabalhados pelo professor, contribuem para o processo de aprendizagem dos alunos surdos como demonstrou a pesquisa. Todos alunos reconheceram a poesia como gênero literário diferente dos demais, compreenderam a proposta do vídeo e a maioria ampliou o conhecimento da própria língua de sinais identificando um sinal que até então não conheciam.

Dessa forma, percebeu-se, a partir das falas dos alunos, que o uso de vídeos no ambiente escolar, de uma maneira geral, nem sempre garante que o objetivo proposto pelo professor seja alcançado. É fundamental, como os alunos colocaram, observar que os vídeos tenham a narração ou interpretação em Libras, não somente imagens ilustrativas, visando garantir o entendimento, a compreensão e a construção de conhecimento dos alunos surdos através da sua língua natural, a língua de sinais.

Apesar da tecnologia de filmagens estar acessível para uma boa parte de população, ela ainda não está presente no cotidiano de alguns jovens surdos, pois a metade dos alunos participantes da pesquisa possui esses recursos e outra metade ainda não dispõe desses materiais. É pertinente pensar uma forma de serem disponibilizados pelas instituições de ensino visando a comunicação, mas principalmente o desenvolvimento cognitivo.

Pode-se dizer que, mesmo nem todos tendo esses recursos, os alunos surdos estão em processo de apropriação de como usar essas ferramentas no registro e na construção das suas aprendizagens. Os alunos surdos demonstraram senso crítico a respeito da qualidade das filmagens, dos vídeos e da conexão com a internet, pois percebem a língua como uma forma fluida de interação, sem cortes ou pausas. No entanto, a maioria ainda não vislumbrou a possibilidade de saber a respeito de conteúdos desenvolvidos por outras escolas de surdos demonstrando um desconhecimento sobre as possibilidades da internet e das interações viáveis no meio virtual.

No que se refere ao compartilhamento de informações e de conhecimento, as filmagens e vídeos em que os alunos aparecem oferecem a eles a oportunidade de interação na própria língua. Pode-se fazer tal afirmação pois os alunos expressam-se na sua língua natural,

fazem seus registros e têm a possibilidade de realizar as leituras/assistir quantas vezes acharem necessário. Também são capazes de identificar seus equívocos, sendo possível corrigi-los de forma eficiente.

Por fim, como sugestão para continuidade deste trabalho, pesquisas futuras e contribuições para a educação de surdos, destaca-se que as mídias ampliam possibilidades, especialmente, em relação à compreensão do gênero poesia em Libras, sendo oportuno investigar outras tantas contribuições que os recursos tecnológicos podem oferecer ao processo de ensino e aprendizagem com esses estudantes. Assim, faz-se necessário dispor de condições de acesso a esses meios, democratizando e qualificando equipamentos e serviços tanto para o uso pessoal pelos surdos, quanto para o meio educacional. Este acesso dentro das escolas pode ser pensado na forma de registro de Libras, da identidade e da cultura das pessoas surdas. Além disso, vislumbra-se que o trabalho possa inspirar professores de diferentes disciplinas a utilizar, em conjunto com os alunos, ferramentas tecnológicas que podem potencializar o processo de ensino e aprendizagem.

REFERÊNCIAS

FERREIRA, Aurélio de Buarque de Holanda. Novo dicionário da Língua Portuguesa. 2^a. edição revista e aumentada, 33^a. impressão. Editora Nova Fronteira. Rio de Janeiro. 1986.

AMARAL, Caroline Bohrer do. **Desafio da ciberinfância**: modos de composição de práticas pedagógicas utilizando artefatos tecnológicos digitais. Porto Alegre, 2010.

BEHAR, Patricia Alejandra; AMARAL, Caroline B.; SCHNEIDER, Daisy. **Planeta Rooda**: um ambiente virtual de aprendizagem para a educação infantil e ensino fundamental. In: BEHAR, Patricia (orgs.). Modelos Pedagógicos para Educação a Distância. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BRASIL. DECRETO no 5.626 - Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000, 22 de dezembro de 2005.

BUCKINGHAM, David. **Crescer na Era das Mídias**: após a morte da infância. Tradução de Gilka Girardello e Isabel Orofino. Florianópolis. 2006.

BUCKINGHAM, David. **Cultura digital, educação midiática e o lugar da escolarização**. In: Educ. Real., Porto Alegre, v. 35, n. 3, p. 37-58, set./dez., 2010. Disponível em: http://www.ufrgs.br/edu_realidade

CAMPELLO, Ana Regina. **Aspectos da Visualidade na Educação de Surdos**. Tese de Doutorado. Florianópolis, 2008.

COMPUTAÇÃO EM NUVEM. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2018. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Computa%C3%A7%C3%A3o_em_nuvem&oldid=53505839>. Acesso em: 04 out. 2018.

EMEF DE SURDOS BILÍNGUE SALOMÃO WATNICK. “**A Construção de um Poema**” Post do Facebook. Disponível em: [https://web.facebook.com/watnickoficial/videos/580224145508243/?hc_ref=ARReMnVwUM4945py3jaq6SOuQLFQ3j1GRVG9kaEITCFDvSputl4FJTveSvACTmqi2jE&__xts__\[0\]=68.ARBFR8TcsTINyPPJFnYK9m8RHSOxisjRVRYAKkB6Si2n8ae3csFB5ZdxsC8mND_rzj0KjDMcobHBptQIQscQ5OScgjj85eB3JmAilz5wzq54PEPrvslMCFjPOjmlvnJyYn7ycXA&__tn__=kC-R](https://web.facebook.com/watnickoficial/videos/580224145508243/?hc_ref=ARReMnVwUM4945py3jaq6SOuQLFQ3j1GRVG9kaEITCFDvSputl4FJTveSvACTmqi2jE&__xts__[0]=68.ARBFR8TcsTINyPPJFnYK9m8RHSOxisjRVRYAKkB6Si2n8ae3csFB5ZdxsC8mND_rzj0KjDMcobHBptQIQscQ5OScgjj85eB3JmAilz5wzq54PEPrvslMCFjPOjmlvnJyYn7ycXA&__tn__=kC-R). Acesso em: 13 de Out. 2018

FACEBOOK. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2018. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Facebook&oldid=53140677>>. Acesso em: 04 out. 2018.

FINNEGAN, R. **Oral poetry**. Cambridge: Cambridge University Press. 1977.

GARBIN, Elisabete Maria. **Cultur@s Juvenis, Identid@des e Internet**: questões atuais. Revista Brasileira de Educação, Belo Horizonte, v. 23, p. 119-135, 2003.

GIRARDELLO, Gilka. **Produção Cultural Infantil Diante da Tela: Da TV à Internet.** TEIAS: Rio de Janeiro, ano 6, no 11-12, jan/dez 2005.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo, Ed. 34, 1999.

LÜCKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

LUZ, Sandra Dias. CRUZ, Dulce Maria. **Prática mídia-educativa na cultura digital: análise da produção de mapa mental com dispositivo móvel por estudantes do ensino fundamental.** In: Novas Tecnologias na Educação CINTED-UFRGS, V. 16 No 1, 2018.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 12. ed. São Paulo. Hucitec, 2010.

PERLIN, G. Identidades Surdas. In: Skliar, Carlos (org.) **A Surdez: Um olhar sobre as diferenças.** Editora Mediação. Porto Alegre, 1998.

QUADROS, R. M. de. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem.** Porto Alegre: Artes Médicas. 1997.

QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. B. **Língua de Sinais Brasileira: Estudos Linguísticos.** Porto Alegre: Editora ArtMed. 2004.

QUADROS, Ronice. **Estudos Surdos 1.** Petropolis, RJ, 2006.

QUADROS, R. M. de, PIZZIO, A. L. **Aquisição da língua de sinais brasileira: constituição e transcrição dos corpora** In: Bilinguismo dos surdos. 1. ed. Goiânia: Câne Editorial, 2007.

QUADROS, R. M. de, PIZZIO, A. L., REZENDE, P. L. F. **Língua Brasileira de Sinais I.** Universidade Federal de Santa Catarina Licenciatura em letras-Libras. Florianópolis 2009. Disponível em: http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificativa/linguaBrasileiraDeSinaisI/assets/459/Texto_base.pdf

QUADROS, R. M. de, STUMPF, M. R., LEITE, T. de A (org.). **Estudos da língua brasileira de sinais.** Série Estudos de Língua de Sinais. V.I. Florianópolis: Insular. 2013.

SCHALLENBERGER, Augusto. **Ciberhumor nas comunidades Surdas.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

STUMPF, Marianne R. Disciplina: **Escrita de Sinais III.** Universidade Federal de Santa Catarina Licenciatura em letras-Libras. Florianópolis, 2008.

SUTTON-SPENCE, Rachel; QUADROS, Ronice. **Poesia em língua de sinais: traços da identidade surda.** In: QUADROS, Ronice (org.) Estudos Surdos I -série pesquisas. Rio de Janeiro: Arara Azul, 2006.

VIOTTI, Evani de Carvalho. **Introdução aos Estudos linguísticos**. Universidade Federal de Santa Catarina Curso de Licenciatura em Letras-Libras. Florianópolis, 2008. Disponível em: http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoBasica/estudosLinguisticos/assets/317/TEXTO_BASE_-_VERSAO_REVISADA.pdf. Acesso em 13 out. 2018.

WHATSAPP. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2018. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=WhatsApp&oldid=53374686>>. Acesso em: 04 out. 2018.

YIN, Robert K., **Estudo de Caso: planejamento e métodos**. 2. ed. Porto Alegre, Bookman, 2001.

YOUTUBE. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2018. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=YouTube&oldid=53096219>>. Acesso em: 04 out. 2018.

APÊNDICE I - TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação
Curso de Especialização em Mídias na Educação – Pós-graduação *Lato Sensu*

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

A pesquisadora aluna regular do curso de **Especialização em Mídias na Educação** – Pós-Graduação *lato sensu* promovido pelo Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – CINTED/UFRGS, sob orientação da Professora Caroline Bohrer do Amaral, realizará a investigação “Uso de vídeos na produção e divulgação de conhecimento dos adolescentes surdos de uma escola pública de Porto Alegre”, junto aos alunos do Terceiro Ciclo da EMEF de Surdos Bilíngue Salomão Watnick no período de Setembro deste ano. O objetivo desta pesquisa é descrever e analisar as produções de conhecimentos compartilhadas na própria página da escola de uma rede social a partir de materiais feitos em sala de aula pelos próprios alunos utilizando a Libras, um celular ou uma câmera fotográfica, passando ou não por programas de edição.

Os(As) participantes desta pesquisa serão convidados(as) a tomar parte da realização de um grupo focal onde colocarão a sua opinião a respeito das filmagens apresentadas a eles. Essas opiniões serão filmadas e posteriormente analisadas.

Os dados desta pesquisa estarão sempre sob sigilo ético. Não serão mencionados nomes de participantes e/ou instituições em nenhuma apresentação oral ou trabalho acadêmico que venha a ser publicado. É de responsabilidade do(a) pesquisador(a) a confidencialidade dos dados.

A participação não oferece risco ou prejuízo ao participante. Se, a qualquer momento, o(a) participante resolver encerrar sua participação na pesquisa, terá toda a liberdade de fazê-lo, sem que isso lhe acarrete qualquer prejuízo ou constrangimento.

O(A) pesquisador(a) compromete-se a esclarecer qualquer dúvida ou questionamento que eventualmente os participantes venham a ter no momento da pesquisa ou posteriormente através do telefone (51) 991715774 ou por e-mail karinwentzel@gmail.com

.....
Após ter sido devidamente informado/a de todos os aspectos desta pesquisa e ter esclarecido todas as minhas dúvidas:

EU _____, inscrito sob o no. de
R.G. _____, autorizo o(a) menor _____
a participar esta pesquisa.

Assinatura do(a) participante

Assinatura da pesquisadora

Porto Alegre, ____ de _____ de 2018.

APÊNDICE II - ROTEIRO DO GRUPO FOCAL

Foi apresentada aos alunos a pesquisa e iniciada a discussão com o grupo focal, a partir dos seguintes questionamentos:

→ Quando os professores usam vídeos, isso lhe ajuda a compreender melhor o conteúdo? Como?

→ Você já assistiu vídeos para compreender algum conteúdo? Isso lhe ajudou? Pode dar um exemplo? (Esta pergunta foi feita para procurar entender como foi a situação, se foi em casa estudando ou na escola mesmo, se foi no celular, etc.) Como/com quem você aprendeu a utilizar vídeos para entender melhor um conteúdo?

Logo após, os alunos assistiram à filmagem, seguindo-se com as seguintes questões, organizadas para estimular o debate e o ponto de vista dos alunos.

Você assiste vídeos em Libras de outras escolas?

No vídeo, quando aparece a aluna K, depois a professora J e o aluno E, você entende tudo o que está sendo sinalizado?

Qual a temática do vídeo?

Você percebe que este vídeo é uma poesia, o que ele tem de elementos que te remetem a esse gênero?

O vídeo te ajudou a entender sobre a poesia?

Você aprendeu algum sinal novo?

Você aprendeu algo com o vídeo? O quê?

Você acha que esse vídeo pode ajudar outras pessoas a entenderem melhor a poesia?

Por quê?

Você acha que este vídeo vai ajudar pessoas aprenderem mais?

Você teria alguma sugestão para essa filmagem?

Você pensa que este vídeo pode ser assistido por pessoas conhecidas? O que acha disso?

Quando você não tinha acesso a vídeos assim, era mais difícil saber de algumas coisas? De compreender alguns conteúdos?

Quando você participa da criação de um vídeo, como se sente?

Como você se sentiu ao se ver no vídeo quando pronto/publicado, na página da Escola? Quando os outros lhe assistem, como se sente?

Como você se sente vendo um colega participar?

Você faz filmagens com seu celular?

O que você costuma filmar?

Você faz filmagens? Elas te ajudam a se comunicar (ou facilitam a comunicação)?

Com quem?

Gosta de postar ou assistir outros vídeos de jovens surdos? Por quê?

Quando você participa e posta algo na internet você sabe que pode ser visto em qualquer lugar que tenha internet, no mundo todo, o que acha disso?

APÊNDICE III - TRANSCRIÇÃO DA CONVERSA COM O GRUPO FOCAL

A filmagem foi realizada no dia 11 de outubro, às 17 horas, na sala de informática da escola.

A câmera é ligada. Os alunos D, E, F e G, ficam fazendo caretas e se apresentando enquanto a câmera é ajustada para melhor enquadramento. É feita uma breve explicação do curso de Mídias da Educação, a pesquisa é apresentada de maneira sucinta. Inicia-se então a conversa a respeito da pesquisa com as seguintes perguntas:

→ Quando os professores usam vídeos isso lhe ajuda a compreender melhor o conteúdo? Como?

E: Depende, às vezes, sim, às vezes não entendo o que está no vídeo. Às vezes não consigo entender o objetivo do vídeo.

G: Às vezes fico só assistindo, às vezes tem coisas legais, piadas, às vezes não entendo muito.

→ Você já assistiu vídeos para compreender algum conteúdo? Isso lhe ajudou? Pode dar um exemplo? Como/com quem você aprendeu a utilizar vídeos para entender melhor um conteúdo?

D: Vídeos que mostram língua de sinais me ajudam sim, me ajudam porque ampliam também a forma de eu sinalizar. Me ajuda a melhorar os meus sinais.

F: Os professores na sala mostram vídeos, isso ajuda a compreender algumas coisas.

G: Sim, assisto, vejo alguns vídeos de português, de química, assuntos do dia do surdo, assuntos sobre viagem, diversas coisas eu fico assistindo.

E: Uso o WhatsApp e, quando acho interessante, salvo o vídeo, para depois mostrar para o professor S.

Seguem-se as questões organizadas com o objetivo de fazer os alunos refletirem após o vídeo.

→ Você assiste vídeos em Libras de outras escolas?

D: Sim, vejo várias coisas de uma escola em São Paulo, assuntos sobre questões sociais.

E, F e G: nunca vi, nunca pesquisei nada sobre outras escolas.

→ No vídeo, quando aparece a aluna K, depois a professora J e o aluno E, você entende tudo o que está sendo sinalizado?

D: Mais ou menos...

E: Eu uso a leitura, eu leio, eu vejo do meu jeito, eu assumo, copio as palavras, leio. Então, com a poesia eu leio, acho um jeito de misturar sinais, palavras, liberar a minha expressão, contar, contar, cada vez mais perfeitamente, conseguindo fazer algo grande, expressivo, narrado, uma entrega.

F: Eu entendo mais ou menos. No português, quando leio as palavras, algumas eu conheço e outras não, só.

G: Sim, entendo.

→ Qual a temática do vídeo?

E: esse que nós vimos? É poesia, eu acho.

D, F e G: é poesia.

→ Você percebe que este vídeo é uma poesia, o que ele tem de elementos que te remetem a isso?

D: É um jeito, é uma emoção, são as possibilidades da imaginação, das conexões que são feitas, de como ocorrem as inversões, as trocas. A forma como é feita a contação, o jeito, a possibilidade de “abrir a mente” em sinais, que é muito forte.

E: Para a pessoa que está sinalizando, precisa estar num ambiente claro, se está escuro aí fica defeituoso, melhor que esteja claro para a filmagem.

F: Verdade, eu concordo.

G: A pessoa olha de uma maneira diferente de quando ela está só sinalizando

→ O vídeo te ajudou a entender sobre poesia?

E: Sim, como se posicionar, usar sinais claros, se expressar.

F: Se fosse outra coisa, a postura seria diferente.

G: Às vezes parece “duro”, piada a pessoa se balança mais.

D: Se eu vou contar uma história, me viro, direita e esquerda, na poesia a pessoa fica muito parada.

→ Você aprendeu algum sinal novo?

E, F e G: Sim, o sinal de “configuração de mão”.

→ Você aprendeu algo com o vídeo? O quê?

F e G: Como contar poesia.

→ Você acha que esse vídeo pode ajudar outras pessoas a entenderem melhor a poesia? Por quê?

E: Ela assiste e fica pensando como posso fazer uma poesia, como vou usar os sinais, como vou posicionar meu corpo.

→ Você acha que este vídeo vai ajudar pessoas a aprenderem mais?

D, E, F e G: sim, elas podem aprender mais Libras.

→ Você teria alguma sugestão para esta filmagem?

E: Para filmar, o fundo precisa ser branco, ter boa iluminação, a pessoa precisa estar de frente para a câmera para se ver o rosto dela e o corpo, a filmadora precisa enquadrá-la abaixo do peito e nas laterais aparecendo os braços, como se fosse um quadrado a sua volta. Quanto melhor a qualidade da filmagem melhor ficará o vídeo.

D, F e G: Concordo.

→ Você pensa que este vídeo pode ser assistido por pessoas conhecidas? O que acha disso?

G: Antes eu conhecia algumas pessoas, mas parece que tem uma máscara, é muito engraçado, é um jeito alegre, não tem espontaneidade, parece uma piada.

D, E e F: Legal, bom ver como sinalizam, parecem diferentes.

→ Quando você não tinha acesso a vídeos assim, era mais difícil saber de algumas coisas? De compreender alguns conteúdos?

F: Antes, quando eu era pequeno, participava na escola, comecei novo na escola, fui indo, me adaptei, comecei a aprender a língua de sinais, tive interesse, me apropriei, troquei por livros de história, por contação visual, percebi que eu gosto de mudar, mudei para o teatro, para apresentações filmadas, para então divulgar, no Facebook, não lembro, foi com a professora R.

→ Quando você participa da criação de um vídeo, como se sente?

E: Me sinto bem, tenho coragem, sou capaz, sou um indivíduo capaz, eu consigo mostrar minha expressividade, minha língua de sinais, eu tenho coragem.

D: Eu tenho uma coisa... Muitas vezes eu oscilo, às vezes tenho vergonha, às vezes é difícil de tentar me expressar, é uma luta, parece que não consigo me soltar, não consigo me expressar, tenho vergonha, muito ruim. Às vezes eu consigo, me liberto, parece que estou acostumado, me adequo, me adapto e os sinais saem livremente, a expressão flui normalmente.

F: Não gosto, tenho muita vergonha. Prefiro assistir, me acho feio.

G: Ok, no início tenho um pouco de vergonha, depois fica normal, todos os alunos aparecem em fotos ou vídeos.

→ Como você se sentiu ao se ver no vídeo quando pronto e publicado na página da escola? Quando os outros lhe assistem, como se sente? Como você se sente vendo um colega participar?

E: É muito legal, sinto orgulho, faz pessoa se destacar.

D: Também concordo, ver o colega é muito legal, fazer trocas com eles, ver esse jeito é muito bom, é natural essas trocas, é estimulante, bom para o futuro.

F: Não gosto, sou feio.

G: Às vezes é engraçado, as vezes é normal, gosto de mostrar para minha família me ver.

→ Você faz filmagens com seu celular?

E: Sim, eu uso, algumas vezes um amigo me empresta, porque o celular dele é melhor, então ele me empresta para eu filmar, com o meu não adianta. Eu quero um celular bom, então eu uso o dele para me filmar. Eu tenho meu canal no YouTube, mas eu não consigo usar, não consigo usar as filmagens, não consigo fazer, não tenho ideias legais, as coisas, não tenho, mas às vezes isso me incomoda, às vezes tenho algumas poucas ideias, aí eu posto.

F: Não tenho celular, se me emprestam, sim, junto com os amigos.

G: Uso tablet, mais fotos, quase nunca filmo. Só coisas simples, tipo “Oi”

D: Não posto nada de filmagens no YouTube, só no WhatsApp, às vezes no Facebook, com algumas informações que me chegam. Às vezes assisto vídeos no YouTube, coisas diferentes.

→ O que você costuma filmar?

D: Às vezes filmo algumas coisas de conversas particulares, problemas, só.

→ Você faz filmagens? Elas te ajudam a se comunicar (ou facilitam a comunicação)?

Com quem?

D: Sim, facilita a comunicação, o problema principal é quando não tem internet. Se não tem internet, é uma porcaria. Fica travado e não entendo nada.

E: Não, porque estou sem telefone celular.

G: Gosto de usar os filtros de alguns aplicativos, tipo gatinha, coelhinho, fico bonito, às vezes é engraçado.

→ Gosta de postar ou assistir outros vídeos de jovens surdos? Por quê?

E: Sim, gosto. Gosto de assistir vídeos em ASL, acho muito legal.

D: Gosto, mas às vezes não entendo nada, depende.

G: Gosto de ver os colegas da escola, aprendo como eles fazem e como é melhor não fazer, às vezes vejo que eu ou outro colega fez errado, isso é uma porcaria, mas tudo bem.

F: Vejo mais na escola, em casa não assisto.

→ Quando você participa e posta algo na internet, você sabe que pode ser visto em qualquer lugar que tenha internet, no mundo todo, o que acha disso?

E: Muito legal pois pode ser visto na China, Japão, por outros surdos como eu, talvez eles gostem do meu jeito, talvez achem engraçado, ou não entendam nada do que estou sinalizando, depende.